o sistema educativo na AR

ODE SER FEITA OS ESTUDANTES

me foi frisado ao longo dos discursos apresentados, um excelente exemplo de coordenação de esforços entre organismos juvenis e a própria Assembleia da República. O seu presidente, Vítor Crespo, fez, aliás, disso eco, ao afirmar no seu discurso de encerramento que **«não foram apenas os jovens que ganharam com esta realização. Foi também a instituição parlamentar que lucrou com isso, e assim está aqui justificada a presença do seu presidente».**

«A escola e a vida activa», «Acesso ao ensino superior», «Gestão e participação» e «Acção social escolar» foram os quatro vectores temáticos à volta dos quais se desenvolveram as questões, as intervenções e as reflexões, quer das personalidades convidadas quer dos participantes.

Marçal Grilo, Manuel Patrício, Bártolo Paiva Campos, Britaldo Rodrigues, Virgílio Meira Soares, Bruto da Costa, Armando Osório, João Formosinho e Tavares Emídio foram as personalidades presentes na conferência a quem coube a dissertação sobre os temas em questão e a tarefa de esclarecer as dúvidas levantadas por uma plateia interessada e verdadeiramente sedenta de respostas.

Foi notório ao longo do debate sobre problemática, a que os jovens são particularmente sensíveis (como a acção social escolar e a escola e a vida activa), uma certa dificuldade da parte destes em resistir à tentação de particularizar os problemas, apresentando exemplos de vivência concretos, fugindo assim a considerações de teor mais filosófico e conjuntural por que pautaram as alocuções proferidas pelos membros dos grupos de trabalho da Comissão de Reforma.

Não obstante, o diálogo foi fértil, embora o tempo tenha sido, para quase todos, manifestamente reduzido e por vezes bastante condicionado da vontade de explorar os assuntos até ao fim. Da constatação deste facto, esperam os organizadores do fórum, deverá resultar o desenvolvimento de realizações do género, quase inacreditavelmente inexistentes até esta data.

• Escola: o coração de uma reforma descentralizadora

António Ribeiro, secretário de Estado da Reforma Educativa, substituiu o ministro da Educação na cerimónia da abertura dos trabalhos da conferência, por este se encontrar ausente em Cabo Verde. O seu discurso, enunciador de algumas linhas de força que se procura implementar na reforma, fazia uma referência particular à necessidade de elevar o nível educativo da população, num sentido que contemple também o necessário reforço da qualidade do ensino ministrado, e possa contribuir para o sucesso escolar tão cobiçado.

Estes objectivos passam ainda **«por uma reforma a ser construída pela base, mantendo uma abertura que permita a introdução de ajustamentos necessários em vez de travar o próprio processo reformulador pelo excesso de regras e regulamentações fixas por vezes complexas e burocratizadas».**

dos dirigentes dos organismos incentivadores da iniciativa foi um pouco diversa. A tónica colocada nas intervenções versava sobretudo o facto de o escasso número da reforma se dever **«a uma insensibilidade para perceber os fenómenos da participação juvenil, por parte de quem condicionou de alguma forma o processo de discussão pública»** — conforme frisou o presidente do CNJ, António José Seguro.

• Expectativas dos jovens são o maior desafio

José Apolinário, vice-presidente da Comissão Parlamentar da Juventude, inventariou no seu discurso de abertura algumas das expectativas dos jovens em relação a este processo de mudança, citando, para o efeito, dados de um relatório ainda não publicado do Instituto de Ciências Sociais, o qual refere que **«51,7% dos estudantes esperam melhores instalações e melhores escolas, 39,4% um mais fácil acesso ao ensino superior e 38,3% uma maior participação dos alunos num conjunto de respostas em alternativa».**

Para este deputado do PS, a necessidade de mudança é particularmente sensível **«no conteúdo do próprio programa curricular, na visão da escola, na participação escola-vida activa»**, opinião partilhada pelo presidente da mesma Comissão Parlamentar, Carlos Coelho, que fez especial referência ao sistema de acesso ao ensino superior **(«que nenhum de nós consegue defender»)** e aos graus participativos dos estudantes nos órgãos de gestão das escolas **(«que nenhum dirigente estudantil consegue subscrever»).**

A igualdade de oportunidade para os estudantes do litoral ao interior e a correcção das assimetrias existentes foram outros dos temas mais construtivamente polémicos da conferência a que Vítor Crespo, presidente da AR, não poupou elogios, alertando, no seu discurso, para **«os efeitos perversos de uma terminologia ligada à palavra reforma»** e para **«tentações irredutíveis e pontuais»** de que é preciso defender os objectivos maiores do processo reformador.

MENSAGEM DE SOARES NO CENTENÁRIO DE PESSOA

O presidente Mário Soares divulgou uma mensagem a propósito do centenário do nascimento de Fernando Pessoa, que hoje se comemora. Esse texto do presidente será lido nomeadamente nas comemorações que a partir de hoje decorrem na UNESCO, em Paris. É do seguinte teor a mensagem de Mário Soares:

«Fernando Pessoa é, hoje, um símbolo universal da cultura portuguesa. O seu nome e a sua obra alcançaram, em todo o Mundo, uma ressonância sem par. As traduções sucedem-se, os estudos proliferam, o interesse, a atenção, a paixão não cessam de aumentar.

Ao celebrar os cem anos do seu nascimento, em Lisboa, no dia de Santo António, Portugal sabe que o faz em comunhão com povos de diversas línguas e culturas, oferecendo simbolicamente ao património cultural da humanidade a obra deste poeta genial que deu à língua portuguesa os ritmos e o timbre de uma nova modernidade.

Durante os breves quarenta sete anos da sua vida, este homem tímido, cerebral, cultíssimo, quase secreto, construiu uma obra prodigiosa, na qual estão inscritos muitos dos dramas, das angústias, das perplexidades e alguns dos bloqueios da consciência contemporânea.

Sentindo-se e sabendo-se desapossado de si mesmo, quebrada a unidade da consciência, Pessoa encenou um prodigioso **drama-em-gente**, palco onde a sua **verdadeira** vida se cumpriu e alcançou sentido e justificação.

Os heterónimos, que se aglomeram e chocam no território imaginário da sua solidão essencial, são os mensageiros de uma tragédia de ausência, vazio, renúncia, exaltação e desespero, que apenas na sua poesia se torna omnipresente e avassaladora.

Poeta do mistério, Fernando Pessoa foi o pontífice dividido da impossível redenção da unidade perdida. Para isso, se anulou, desdobrou, multiplicou. Ao contemplar o **nada** no grande espelho em que o homem se reflectiu durante séculos o simbólico «lago mudo» de que fala no primeiro verso de um belíssimo poema, o poeta edificou um labirinto de espelhos fragmentados, aceitando a fatídica inexistência de um ponto a partir do qual a unidade se reconstituísse.

Esse o esplendoroso fracasso que ecoa, como um cântico de lamento e dor, em toda a sua poesia — mesmo na aparentemente eufórica e de que os dois versos principais de um célebre poema ortónimo dão a mais clara confissão: **«Eu vejo-me e estou sem mim / conheço-me e não sou eu».**

Esta fraqueza irremediável transformou-se, porém, no mais fecundo triunfo do início da modernidade, pois representou a anunciação profética dos caminhos mais originais da arte do nosso século.

A obra de Fernando Pessoa tem sido analisada, interpretada, glosada por inúmeros especialistas de diversas disciplinas, de artistas de diferentes ramos, de gente de múltiplas línguas e filiações estéticas e doutrinárias. Apesar dessa profusão crítica e admirativa permanece como enigma radical que a poesia ilumina, irredutível, como é, a uma situação histórica concreta, a uma classe social determinada, a um estado psicológico particular, a um fundamento estético preciso. O homem viveu e sofreu, mas o génio impôs à obra uma marca que está aquém e além disso.

Povoada de mitos, a obra de Fernando Pessoa centraliza fulgurantemente na tado, e permanece como uma voz que nos toca, possui e ilumina, vinda do fundo dos tempos e das eras «Mensagem» um momento de insuperável beleza, força e majestade. Poema de Portugal, na sua simbologia de chamas e cinzas, de madrugadas e trevas, de vozes e silêncios, de mares e de ilhas, de areias e de névoas, esse livro constitui uma epopeia que canta Portugal mítico, misticamente desoculpara regressar magicamente ao **futuro do passado.**

Poema do homem disperso, dos deuses ausentes ou mortos, da vida vazia, da hora absurda e da morte da alma, toda a obra de Pessoa é, na sua unidade e diversidade, um testemunho perceptível da grandeza humana, feita saudade ou desejo.

Poema de recriação da língua portuguesa, a obra de Fernando Pessoa concede a essa **Pátria**, partilhada por 170 milhões de seres humanos, o privilégio do reencontro com a vocação universalista de que ele é um símbolo glorioso e eterno».

Fernando Pessoa, óleo de Rodríguez Castañé.

PESSOA NO JN

Assinalando o centenário do nascimento do poeta da **Mensagem**, o JN dedica a **página 6** desta edição à obra de Fernando Pessoa, a qual inclui três estudos: de Teresa Rita Lopes, de Dalila Pereira da Costa e de Fernando Guimarães.

ALEMANHA DESCOBRE A CULTURA PORTUGUESA

Por MARIA ERMELINDA PEDROSA (correspondente em Bona)

Portugal, durante muito tempo considerado pelos alemães ou como o apêndice da Espanha ou, com sobranceria, como a casa pobre da Europa, está actualmente a ser redescoberto neste país, não apenas do ponto de vista turístico ou económico. É significativo o que se passa no domínio cultural.

A partir de 25 de Abril de 74 que se observa uma abertura da cultura portuguesa nos países da Europa central mas, e no que concerne à RFA, é há cerca de cinco anos que a presença cultural portuguesa se começa a firmar e merecer mais atenção, documentada nas páginas literárias dos principais jornais alemães, com especial relevo para o semanário «Die Zeit».

As editoras em língua alemã têm lançado no prelo nos últimos anos traduções de livros dos principais escritores contemporâneos portugueses, com destaque para José Cardoso Pires, José Saramago, Lobo Antunes e muito recentemente Agustina Bessa Luís, cujo romance «A Sibila», que o «Die Zeit» considera uma obra-prima da literatura portuguesa, aparece agora publicado na editora Suhrkamp, de Francoforte.

Todavia, o interesse dos alemães pela cultura portuguesa não se limita somente à literatura. A cantora de «jazz» Maria João há muito que é considerada neste país, pelos conhecedores e críticos do género, como uma intérprete notável, com presença assídua em vários festivais de «jazz» na RFA. E no que respeita às artes plásticas, José de Guimarães, já também muito conhecido noutros países europeus, e cuja presença na Feira de Arte de Basileia é uma constante, vem agora expor na RFA até Setembro, a convite de uma galeria de arte de Estugarda.

Mas voltando à literatura portuguesa e à sua aceitação na RFA, a coroa de glória das editoras alemãs e suíças é a tradução da obra de Fernando Pessoa. A editora Ammann, de Zurique, que já publicou quatro livros do autor, em parte em edição bilingue, traduzidos e orientados por George Rudolf Lind propõe mesmo editar toda a obra daquele que é tido pelo maior poeta português depois de Camões. Dentro de dois meses irá sair o volume «Briefe Und Seldsizeugnisse» («Cartas e testemunhos») de Pessoa e seus contemporâneos, volume que será ilustrado com numerosas fotografias.

Em Novembro de 87 e por ocasião do lançamento na RFA do volume «Fernando Pessoa-Álvaro Campos (Poesias-dichtungen)», da mesma editora de Zurique, o semanário «Die Zeit» dedicou uma página inteira ao tratamento desse volume.

O seu autor, Peter Hamm, foi o mesmo que há pouco mais de um mês entusiasmou todos os fãs de Pessoa na RFA com um documentário televisivo de cerca de hora e meia sobre a vida e obra de Fernando Pessoa.

O Instituto de Filosofia da Universidade Clássica de Colónia, que comemora este ano 600 anos de fundação, foi o cenário escolhido para uma palestra subordinada ao tema «O eu problemático: Fernando Pessoa». Falou o professor Kreutzer, romanista da Universidade de Würzburg, com várias publicações sobre literatura portuguesa, sendo uma delas «Literatura portuguesa do século 20», com especial destaque para Fernando Pessoa.

Mas a publicação de Fernando Pessoa, a quem Peter Hamm chama um dos maiores nomes da literatura mundial, e que mais êxito alcançou na RFA é o «Livro do desassossego», publicado também em livros de bolso pela editora Fischer, de Frankfurt.

Este livro revestiu-se já da aura do livro de vulto, fenómeno que deixa perplexos os estudiosos da obra do poeta, que se admiram de como uma obra sombria e difícil como é este diário filosófico entusiasma os leitores alemães.

Todavia, a revelação Fernando Pessoa veio na altura própria, num momento em que os alemães se mostram preocupados com a sua interioridade, com a imaginação e talvez por isso mesmo com a predisposição necessária à aceitação de uma obra tão «sui generis».

Não foi de facto por acaso que o êxito do «Livro do desassossego» se deu nesta altura. Na RFA assiste-se actualmente a uma abertura muito grande à «new age» (uma nova maneira de estar e de sentir, uma corrente existencial que tem o seu expoente máximo em Colónia). Uma nova geração de alemães e não forçosamente a mais nova, enfastiada com a superabundância da sua sociedade e mais desperta para a vida, volta-se para o esoterismo e para o ocultismo, para as religiões e filosofias milenárias orientais, tentando descobrir por fim o sentido da vida. E não foi isso também que Fernando Pessoa buscava incansavelmente?

No século XIX os românticos alemães aprendiam português para poderem ler Camões no original. Em finais do século XX Fernando Pessoa vem mostrar aos alemães que Portugal não se define apenas em termos de revolução dos cravos, turismo e boas condições para os investidores estrangeiros, mas que tem também uma «espiritualidade» que merece e urge ser revelada e compreendida.

Para si

Trocar o seu carro usado é mais fácil